

Conservação e Preservação do Acervo Fotográfico: Estudo de caso Museu Histórico de Londrina “Padre Carlos Weiss

Célia Rodrigues de Oliveira¹

Lucinéia Chamorro e Silva²

Orientadora: Patricia Martins Castelo Branco³

*A persistência é o menor caminho do êxito
(Charles Chaplin)*

Resumo: Este artigo desvenda o caminho trilhado pelas fotografias doadas por famílias e instituições públicas ao acervo do Museu Histórico de Londrina, enfocando o estado que são recebidas pela instituição e quais os procedimentos realizados para a preservação das mesmas, e se estão totalmente adequados segundo as regras instituídas pelo estudiosos da área de conservação e preservação fotográfica. Assim, apresentamos a importância da preservação do patrimônio fotográfico para que seja usufruído por todos que buscam o acesso a memória histórica dos Londrinenses que estão sob a guarda do Museu.

Palavras Chaves: fotografia; patrimônio; conservação; memória.

Abstract: This article unravels the path made by the photography donated by families and public institutions from Londrina to the acquis of the Historic Museum of Londrina, the condition they are received and the procedures made to their preservation, and also if they are appropriately restored by the rules established by the experts in the area of conservation and preservation of photography. Like that, we present the importance of the preservation of the photographic patrimony so it can be used by the ones who seek access to the historic memory of the city that are under the protection of the museum.

Key Words: photography; patrimony; conservation; memory.

¹ Graduada em Ciências Sociais, UEL, aluna de pós-graduação em Patrimônio Cultural e Identidades do Centro Universitário Filadélfia- UNIFIL.

² Graduada em Educação Artística, UEL, graduada em História, UEL, especialista em Filosofia, UEL, aluna de pós-graduação em Patrimônio Cultural e Identidades do Centro Universitário Filadélfia – UNIFIL.

³ Mestre em História Social pela Universidade Estadual Paulista – Assis/SP, docente e coordenadora da Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Identidade do Centro Universitário Filadélfia – UNIFIL.

1. Introdução

.A fotografia surgiu no século XIX, desde então é utilizada para o registro de acontecimentos familiares ou sociais, ou mesmo como produto artístico. Passado anos após a sua revelação, a fotografia torna-se memória imagética, e deve ser preferencialmente preservada em ambientes adequados nos museus e nas bibliotecas com o intuito de resguardar o patrimônio cultural da nação e difundi-los entre os pesquisadores e produtores culturais.

A identidade cultural de um país, estado, cidade ou comunidade se faz com memória individual e coletiva. Somente a partir do momento em que a sociedade resolve preservar e divulgar os seus bens culturais é que se inicia o processo de construção de ethos cultural e de sua cidadania. (LE GOFF, 1997, p. 138)

No Museu Histórico de Londrina ocorre a guarda, preservação e conservação do patrimônio imagético de Londrina e região, assim, para serem integradas ao acervo, as fotografias doadas por famílias ou instituições, são diagnosticadas, tratadas e acondicionadas. Neste texto analisamos dez fotografias recebidas em doação, quanto ao seu estado de conservação e pontuamos qual seria o ambiente ideal para a sua preservação e conservação.

2. Surgimento da Fotografia:

Até o século XIX, as representações imagéticas eram de alto custo e produzidos somente por artistas. No início do XIX, Louis-Jacques Daguerre apresentou à Academia de Ciências da França o Daguerreótipo, a primeira máquina fotográfica, essa invenção provocou mudanças nas artes visuais e foi agregada ao patrimônio cultural mundial, assim, a fotografia atualmente faz parte da memória e da história universal.

2.1. Breve Histórico da Fotografia:

A História da fotografia não se resume a evolução da técnica, que teve o início com descoberta da câmara escura com um orifício antes de Cristo, e que sofreu diversas modificações durante os séculos como a realizada por Giovanni B. Della Porta no século XVI, que agregou a câmara escura lentes convexas para que se pudesse observar os eclipses e percebeu que objetos tridimensionais apareciam em imagens bidimensionais.

No século XVIII, teve o início nas pesquisas com o intuito de fixar as imagens produzidas pela câmara escura com o físico alemão Johan Schulze e culminaram com a invenção do daguerreótipo, cujas imagens fotográficas da figura humana produzidas em tons de cinza, causou grandes debates entre religião e a ciência, transformou o olhar e o paradigma das artes visuais. Muitos artistas se tornaram fotógrafos e pequenos empresários, passando a colaborar com o registro de imagens que compõe a memória da humanidade (HOBBSAWN, 1996, p. 401).

“Os clichês de Daguer...” precisavam ser manipuladas em vários sentidos, até que se pudesse reconhecer, sob uma luz favorável, uma imagem cinza-pálida. Eram peças únicas... não raro guardadas em estojos como jóias (BENJAMIN, 1994,p.93)

A fotografia desde o seu início serviu para fixar imagens da família, de eventos sociais e aprisionar a realidade, segundo Susan Sontag, as imagens fotográficas tornaram-se de uma autoridade quase ilimitada, ela é uma imitação do real, de um espaço e tempo, que se transforma em aquisição, guarda de memória das pessoas queridas ou de objetos, tornando-se a extensão do objeto fotografado e fazendo parte de um sistema de informação, sendo guardado e catalogado conforme a família ou a instituição que o preserva.

A importância da fotografia, segundo, Soares (Coleção Pirelli-Masp) relembra que Kossoy, afirma que qualquer fotografia está ligada intimamente com a memória, tornando-se para o pesquisador uma fonte inesgotável de informação sobre a vida em sociedade ou doméstica, ela é documento, portanto, um patrimônio cultural da humanidade. (SOARES, 2006, p. 9).

2.1.1 Fotografia no Brasil

A fotografia surgiu oficialmente com o Daguerreótipo, em 1839, no Brasil, Dom Pedro II, foi o grande incentivador das artes fotográficas, trazendo para

o solo nacional um Daguerreótipo, tornando-se o primeiro soberano fotógrafo do mundo, utilizando as imagens obtidas como divulgação de sua imagem pelo Brasil.

Quanto aos inventores da fotografia existem diversos relatos no mundo de outros pesquisadores que conseguiram fixar a imagem projetada na câmara escura, entre eles temos o artista franco-brasileiro Antoine Hercule Florence, que não conseguiu apoio institucional e nem divulgar para a monarquia nacional sua invenção.

2.2 Evolução do Suporte

O ato de fotografar só é possível graças a pesquisadores e estudiosos que buscavam solucionar a pergunta “como fixar as imagens produzidas pela luz dentro da câmara escura?”. Vários químicos e físicos como o Thomas Wedgwood (1771/1805), Niepce, Louis Daguerre entre outros procuraram utilizar lentes, produtos químicos (nitrato de prata, vapor de mercúrio, entre outros), couro, metal, tecido, papel com o intuito de gravar as imagens produzidas pela luz, em menor tempo possível

Desde a sua descoberta até os dias de hoje a fotografia vem acompanhando o mundo contemporâneo, registrando sua história numa linguagem de imagens. Uma história múltipla, constituída por grandes e pequenos eventos, por personalidades mundiais e por gente anônima, por lugares distantes e exóticos e pela intimidade doméstica, pelas sensibilidades coletivas e pelas ideologias oficiais. (MAUAD, 1996 p. 5,)

A fotografia, podemos dizer, que ela é a evolução da técnica tanto do artista como dos pesquisadores, assim desde os primórdios as imagens eram produzidas diretamente sobre a superfície de papel, metal ou tecido sem o uso de ligantes, com a evolução das técnicas descobriu-se os aglutinantes e outros produtos químicos que levaram a utilização da emulsão de gelatina e sais de prata, até que atualmente as fotografias são gravadas em CDs, DVDs, ou impressas com tinta.

3. Conservação e preservação do material fotográfico

As fotografias produzidas no mundo, podem um dia virem a fazer parte do acervo de instituições de guarda da memória, como bibliotecas, centros de documentação e museus. Estas instituições possuem o dever de conservar, preservar os documentos fotográficos ali recebidos em doação, mas em sua maioria no Brasil, enfrentam dificuldades como falta de equipamento, falta de equipe qualificada e recursos financeiros para realizar a contento a conservação, preservação, restauração entre outros.

Todo o material fotográfico tem uma vida útil, que podemos através de diversas técnicas conservar, preservar e permitir que as gerações futuras tenham acesso as imagens produzidas no passado que contam memória visual da sociedade.

Quando falamos sobre a conservação e preservação, estamos recorrendo a medidas de proteção, para que documentos e suportes informacionais tenham maior tempo de vida útil, assim segundo a definição do Dicionário de Terminologia Arquivística⁴.

PRESERVAÇÃO: Função arquivística destinada assegurar as atividades de acondicionamento, armazenamento, conservação e restauração de documentos, (DICIONARIO, 1996, p.61)

CONSERVAÇÃO: Conjuntos de procedimentos e medidas a assegurar a proteção física dos arquivos contra agentes de deterioração (DICIONARIO, 1996, p.18)

RESTAURAÇÃO: Conjunto de procedimentos específicos para recuperação e reforço de documentos deteriorados e danificados (DICIONÁRIO, 1996, p.67).

É importante ainda observar que a conservação preventiva e a restauração são medidas essenciais para impedir a degradação e a destruição total do documento fotográfico. Assim a conservação preventiva vem a ser nas palavras de Costa

Conservação Preventiva: são intervenções diretas, feitas com a finalidade de resguardar o objeto, prevenindo possíveis malefícios. Ex. Higienização, pequenos reparos, acondicionamento, etc.(2003, p.2)

⁴ Camargo, Ana Maria; Belloto, Heloisa Liberalli. **Dicionário de terminologia arquivística..** São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros: Porto Calendário, 1996.

Nestes dois séculos de invenção da fotografia muitos processos foram inventados e vários deixaram de ser utilizados, assim para a conservação e preservação dos materiais fotográficos as instituições responsáveis devem conhecer a estrutura das imagens fotográficas, segundo Mustardo e Kenedy (2001), a maioria dos tipos de fotografias, encontradas consistem de uma estrutura laminada, ou em camadas, composta por componentes dispostos em três camadas onde uma é de suporte primário que carrega a camada fotossensível formadora da imagem; uma camada de aglutinante; e o material da imagem final, eles afirmam que ainda hoje é possível encontrar fotografias produzidas por outros métodos ou materiais divergentes dos descritos.

Desde a primeira fotografia desejamos encontrar métodos que consigam conservá-las e preservar-las, para isso vários experimentos combinando os materiais e elementos químicos foram realizados por pesquisadores na busca de aperfeiçoar a técnica fotográfica e prolongar a durabilidade das imagens.

Existem diversas dificuldades para a conservação e preservação da memória fotográfica, assim um dos primeiros passos para se obter um melhor resultado na guarda e conservação/preservação dos materiais fotográficos é protegendo-os contra os aspectos que podem levar a deterioração.

No Brasil, o clima por ser quente e úmido favorece a danificação das imagens, o ideal é manter o acervo armazenado em um local de guarda climatizado. E, um dos problemas das instituições que preservam acervos documentais é a falta de recursos financeiros para a implantação de um local apropriado para a guarda dos documentos. Porém, algumas medidas podem ser adotadas para que os problemas sejam minimizados.

A recomendação para o controle da umidade e temperatura para a conservação dos materiais fotográficos em um ambiente climatizado, requer uma taxa de umidade relativa do ar entre 30- 50% + ou – 5% (nunca acima de 60%) e temperatura entre 15° e 18° C (nunca acima de 30°C) (FILLIPI, 2002, p.50).

As medições manuais utilizando aparelhos como os, termo-higrometro⁵, termohigrógrafos⁶ analógicos ou digitais, deve ser acompanhado por um profissional especializado e treinado.

⁵ Thermo-Higrometro: instrumento para medir a temperatura e umidade do ar.

⁶ Termohigrógrafos: instrumento para medir temperatura e umidade do ar.

A deterioração da imagem fotográfica é a grande inimiga dos conservadores, obrigados a driblar tanto aquela causada por fatores intrínsecos aos materiais fotográficos, quanto a decorrente de fatores externos a que eles estão submetidos. Nessa inter-relação entre a estabilidade física e química das fotografias e o meio ambiente em que vivem, este último tem papel fundamental, podendo funcionar como agente acelerador ou retardador do processo de deterioração fotográfica. Daí a necessidade de um microclima propício para a preservação dos materiais fotográficos, no qual será possível a prevenção e a inibição de processos destrutivos, característicos da estrutura de todo material fotográfico, independente do suporte e da camada formadora da imagem. (FILLIPI; CARVALHO, 2002, p17)

A preservação de documentos fotográficos requer conhecimento por parte dos profissionais na manipulação correta que visa prevenir danos à fotografia. Estando atento e sabendo manipular os diversos tipos e características diferentes de processos fotográficos acompanhando a evolução dos novos procedimentos ao longo da história.

A temperatura tem influência determinante nas alterações da umidade do ar. A umidade relativa (UR) exprime a razão da quantidade de vapor de água contido em um determinado volume de ar a dada temperatura (T) e a quantidade máxima de água que este volume poderia conter sem verificar o fenômeno de condensação. Quanto mais alta a temperatura, mais alta é a quantidade de água contida no ar. A queda brusca da temperatura causa a redução de quantidade de água que o ar suporta, ocasionando a condensação de umidade e a formação de gotas de água. (COSTA, 2003, p.4)

O controle de temperatura e umidade do acervo devem ser constantes, evitando as oscilações, para isso deve-se utilizar aparelhos de climatização que devem ficar ligados diariamente sem interrupção. Com isso evitamos algumas causas da degradação do acervo como reações químicas e o aparecimento de fungos e bactérias.

Quanto à localização do ambiente de guarda deve ser de fácil acesso, distantes de indústrias poluentes da poeira e do tráfego, longe de áreas sujeitas a vazamentos como: banheiros, caixas d'água, tubulações aparentes, etc. O ar introduzido no arquivo deve ser filtrado, pois a higienização do local é primordial para manter a preservação do material, evitando o acúmulo de poeira e fuligem.

As salas destinadas a guarda do material fotográfico devem ter a iluminação controlada, evitando ambientes com muitas janelas e pé direito alto, que propiciam a incidência dos raios ultravioleta (UV), pois, estes causam o

esmaecimento das imagens. Os armários para a guarda não devem ser feitos de madeira, por serem naturalmente higroscópicas⁷ atraem fungos e insetos. O ideal são armários de aço com pintura polimerizada, por não serem combustíveis nem atacadas por insetos.

Outro fator de deterioração do material fotográfico é o manuseio incorreto da fotografia pelo doador ou mesmo por funcionários sem treinamento, assim, os documentos fotográficos ao serem integrados no acervo das instituições muitas vezes trazem em seu corpo clips, marcas de caneta, grampos, etc.

Na instituição de guarda ao receber as fotografias o funcionário deve utilizar algumas medidas simples para manusear as imagens como: não deixar esses documentos próximo de líquidos, usar luvas, trabalhar sobre uma mesa limpa e desobstruída, não comer na área de guarda, não usar grampos de metal e cliques que enferrujam e marcam as fotografias, fitas adesivas, enfim manipular corretamente o material e não usar objetos que possam danificar a imagem, assim evitará danos que podem vir a ser irreversíveis.

Mesmo com todo o cuidado na manipulação do material existem problemas difíceis de serem contornados como os causados no processo de revelação no laboratório como os resíduos químicos, que podem causar danos às imagens, provocando com o tempo manchas amareladas.

Quanto a maioria dos fatores considerados prejudiciais que causam a deterioração do material fotográfico podem ser evitados com a adoção de uma política de preservação das coleções, visando menor dano possível e oferecendo em longo prazo condições de assegurar o maior tempo de vida aos acervos.

Segundo Kenndy e Mustardo (2001, p.15), existem elementos essenciais para um programa de preservação fotográfica que são:

- Avaliação da área de guarda e armazenamento das fotografias;
- Inspeção para determinar qual o estado físico dos negativos e fotografias recebidos, para determinar qual o procedimento de guarda e acondicionamento;
- Identificação dos procedimentos para necessários para a conservação da fotografia;

⁷ Higroscópicas: retém a umidade.

- planejamento de emergência e resgate com a elaboração de um plano institucional evitando que os mesmos ocorram;
- planejamento de duplicação de negativos deteriorados, para evitar o manuseio e garantir a disseminação das imagens;
- Programa de educação para pessoal e usuários;
- Campanha para arrecadação de recursos financeiros para manutenção do acervo;
- Programa de digitalização das imagens.

4. Estudo de Caso no Museu Histórico de Londrina

O Museu Histórico de Londrina “Pe. Carlos Weiss”, inaugurado em 18 de setembro de 1970, pertence a Universidade Estadual de Londrina e ocupa o prédio da antiga Estação Ferroviária de Londrina, desde 10 de dezembro de 1986, está localizado na região central de Londrina ele é considerado um patrimônio cultural da cidade. (MHLPCW, 2010).

O Museu Histórico é responsável pela guarda, conservação e preservação de fotografias produzidas desde o final do século XIX até os dias atuais doadas pelos cidadãos. No acervo encontramos, por exemplo, o Carte Visit, fotografia em gelatina, negativo de vidro, negativo flexível, Slides, CD, DVD.

O museu possui quatro setores, são eles: o setor de Imagem e Som e laboratório, o setor de Objetos, o setor de Biblioteca e Documentação e Setor Educativo. (MHLPCW, 2010).

O setor de Imagem e Som possui aproximadamente 70.000 peças em diversas coleções, constituídas de fotografias, álbuns fotográficos, negativos de vidro e flexíveis, diapositivos, filmes de 16 mm e 35 mm, quadros, discos, CDs, DVDs e depoimentos orais em fitas K7 e em vídeo. Grande parte desse acervo é proveniente de instituições públicas e coleções particulares, produzidas por fotógrafos anônimos, amadores e profissionais da cidade, a partir do final da década de 1920.

Entre as várias coleções uma das mais valiosas é a coleção de José Juliani, fotógrafo contratado pela Companhia de Terras Norte do Paraná, que registrou o desenvolvimento de Londrina e região nas décadas de 1930 a 1960; e a

coleção de George Craig Smith, integrante da Primeira Caravana que chegou a Londrina em agosto de 1929, que registrou as primeiras imagens no Patrimônio Três Bocas, e diversas outras coleções.

O setor de Imagem e Som conta com um laboratório fotográfico que executa o trabalho de reprodução, revelação e ampliação fotográfica para registro das atividades desenvolvidas pelo museu, assim como para o trabalho de conservação fotográfica.

A escolha de pesquisar no arquivo fotográfico do Museu Histórico de Londrina para realizar o estudo de caso, fundamenta-se na sua importância, por conter um valioso acervo de imagens que guardam a memória local e regional e fazem parte do patrimônio cultural nacional doados pela comunidade com o intuito de guardar o próprio patrimônio e identidade, impedindo que as fotografias sofram maior degradação sem as ações de salvaguarda preventivas instituídas nesta instituição de memória, além desta instituição ser considerada patrimônio cultural regional.

Para realizar esta pesquisa elaboramos um instrumento para fazer a análise das imagens, baseada na Ficha de Coleta de Dados utilizado pelo Centro de Conservação e Preservação da FUNARTE. Criamos uma Ficha de Coleta de dados (em anexo), com a qual identificamos o grau e danos sofridos ao longo do tempo pelas fotografias do seu local de origem.

Na análise documental constatou-se que o estado de conservação das 10 (dez) imagens coletadas por amostragem das coleções fotográficas do Museu, recebidas em doação de diversas famílias, possuem marcas deixadas sobre o suporte decorrentes da má conservação e guarda inadequada por parte dos seus antigos proprietários.

Indiscutivelmente, a maioria dos danos infligidos às fotografias é causado por seres humanos. Existem incontáveis exemplos de danos causados por manuseio, falta de cuidado, negligência, acidentes evitáveis, tentativas de conservação desastradas ou mal informadas e até mesmo danos intencionais (MUSTARDO E KENNEDY, 2001. P. 15)

Nessas fotografias encontramos diversos danos físicos, químicos e biológicos como: Sujidades, rasgos, manchas por umidade, fungos, esmaecimentos, espelhamentos, perda de gelatina, fitas adesivas, abrasões, fraturas, vincos, delaminação, excrementos de insetos, manchas por tinta, amareladas, escritas no

verso com caneta ou mesmo com lápis HB, que ultrapassam as imagens deixando marcas na emulsão e fungos.

Nas 10 fotografias analisadas doadas ao Museu encontramos os seguintes problemas vindos de sua origem:

Foto 01- O médico Dr. Jonas Farias de Castro em seu consultório. Década de 1950. Autor desconhecido.

Diagnóstico: Foto produzida pelo processo gelatina. A imagem apresenta, espelhamento de prata, abrasões com suporte quebradiço e amarelado, esses problemas são causados por falta de lavagem pós fixador. Sujidades, fratura no canto inferior direito. No verso apresenta fita adesiva (durex), nas bordas laterais, inferior e superior do suporte. Incrições com caneta tinteiro e manchas por umidade provocadas pela guarda inadequada.

Foto 02- O médico Dr. Jonas Farias de Castro e amigos, participando do XX Congresso Brasileiro de Cirurgia, Rio de Janeiro, 11 a 16 de Julho de 1971. Autor desconhecido.

Diagnóstico: Processo gelatina. A imagem apresenta sujidades, delaminação no canto superior esquerdo. Segundo (MOSCIARIO, Clara, p 36) a delaminação ocorre especialmente nos suporte mais espessos que tendem a ter as camadas separadas nos cantos e bordas. Observou-se na imagem o início de amarelecimento por falta de lavagem pós-fixação, danos por insetos (traça), abrasões provocados por arranhões devido ao manuseio inadequado. No verso inscrições a tinta.

Foto 03- O fotógrafo Lambe-lambe, Jovelino Rufino de Souza na Alameda Manoel Ribas. Década de 1950.

Diagnóstico: Processo gelatina. Esta imagem apresenta sujidades, manchas amareladas por falta de lavagem pós fixador, manchas por umidade, inscrição a caneta na parte inferior da imagem e no verso, fratura na parte superior esquerda e inferior direitas. Constata-se que esses danos foram provocados pela falta de cuidado no manuseio e guarda.

Foto 04- José Rufino de Souza, fotógrafo Lambe-Lambe de Londrina. Década de 1950. Autor desconhecido.

Diagnóstico: Processo Gelatina. A imagem apresenta estado avançado de deterioração. Papel brilhante com abrasões, início de espelhamento de prata e amarelecimento. Falta de parte da superfície do papel(emulsão) devido a retirada

da fita adesiva na parte inferior. Manchas por umidade. Danos provocados por excrementos de insetos. No verso apresenta sujidades, manchas por umidade e inscrições com lápis e tinta.

Foto 05 – Retrato de Willie Brabazon da Fonseca Davids, primeiro Prefeito eleito de Londrina.1900. Autor: Cheltenham. 23º Promenade Studio

Diagnóstico: Processo em Colódio. Cartão Cabinet. Apresenta deterioração pela ação do tempo e manchas proveniente por falta de lavagem ou ainda pelo tipo de adesivo utilizado para a colagem da cópia no cartão Cabinet. Na borda apresenta amassamento e delaminação do suporte secundário. Verso do suporte sujidades, manchas e delaminação nos cantos com perda.

Foto 06 - Elizabeth Fiori, filha de Spartaco Bambi-agrimensor e sua afilhada. 1939. Autor desconhecido.

Diagnóstico: Processo gelatina por revelação com viragem em sépia. Apresentam danos físicos como: perda de emulsão, fraturas. Início de espelhamento e amarelecimento com perda de suporte canto inferior esquerdo. No verso da imagem encontramos sujidades, carimbo e manchas por umidade.

Foto 07- Michel Surjus e trabalhadores. s/d. Autor desconhecido

Diagnóstico: Processo gelatina, impressa em papel cartão. Apresenta estado de deterioração com sujidades na imagem, esmaecimento por falta de lavagem pós fixação, rasgo na parte superior, abrasões, espelhamento devido a ação do tempo e descuido no manuseio e guarda por parte do proprietário. No canto direito apresenta fratura e delaminação nos demais cantos. Ainda podemos observar a perda de emulsão por danos de insetos. Marca de tinta azul na parte inferior esquerda. O verso apresenta inscrições com tinta preta, sujidades, marcas de carimbo e perdas de suporte.

Foto 08 – Sessão Solene realizada no Dia do Município na sala Nobre do Fórum de Londrina, 10-10-1939. Autor desconhecido

Diagnóstico: Processo gelatina. Apresenta espelhamento de prata, amarelecimento por falta de lavagem pós fixação, possui trincas e rachaduras, perda de suporte na lateral esquerda, fraturas e rasgos na parte inferior esquerda. Texto a tinta no lado emulsionado da imagem e marca em forma de circulo na cabeça de uma mulher. No verso apresenta manchas nos cantos da parte superior.

Foto 09- Time de futebol do Esporte Clube de Londrina, 20-01.1935. Autor José Juliani

Diagnóstico: Processo gelatina. Está foto apresenta estado avançado de deterioração. Sujidades. Colada em papel cartão com desenhos. Amarelecida, fraturas, abrasões, rasgada, perdas do suporte da emulsão. Esta imagem mostra os danos sofridos pela ação do tempo e o descuido no manuseio.

Foto 10 – Alunos da Escola de Acordeon de Londrina, final da década de 1950. Autor desconhecido.

Diagnóstico: Processo gelatina. Esta imagem está visivelmente comprometida com estado avançado de deterioração. Amarelecimento da imagem por falta de lavagem pós fixador, rasgado na parte superior com perda de suporte e fita adesiva (durex). Apresenta ainda perdas da emulsão. Danos por insetos (traça), retoque com caneta esferográfica mal executada. Excremento de insetos. No verso parte superior fita adesiva e mancha de cor marrom na lateral direita.

O Museu Histórico recebeu estas fotos segundo o diagnóstico realizado em estado de má conservação, com diversos problemas na estrutura física como sujidades, quebra de suporte, perda de emulsão, rasgadas, fita adesiva, amarelecidas, escritas com caneta ou lápis sobre a imagem ou no verso, problemas na confecção das fotografias no laboratório, espelhamento entre outros.

Segundo a literatura consultada e já mencionada acima esses diversos problemas apresentados para serem solucionados e estabilizar a deterioração são necessários, principalmente funcionários treinados nos processos de conservação e preservação, depois este acervo recebido deverá ser higienizado e ambiente adequado para a guarda e preservação.

No caso destas dez fotografias que foram doadas de particulares e inserido no ambiente do Museu Histórico estarão sendo preservadas e conservadas e algumas restauradas, mas para uma cidade do porte de Londrina ainda este ambiente não é o ideal segundo a literatura pois o prédio onde funciona foi cedido pela PML, e não foi construído para abrigar um acervo de memória tão importante para a região norte do Paraná. Para ser transformado em equipamento cultural de guarda e preservação da memória, a estação ferroviária teve que ser reformado e seus espaços foram adaptados para abrigar o Museu Histórico.

Um dos problemas na adaptação da arquitetura são as grande quantidade de janelas que trazem a iluminação junto com os raios UV que causam a deterioração da imagem, quanto à localização, está no centro da cidade de Londrina ao lado do Terminal Urbano de Transporte Coletivo, com intenso tráfego de veículos

pesados que liberam gases e fuligem que podem provocar reações químicas que danificam o material fotográfico.

Apesar da localização e do prédio não serem o ideal dentro da literatura para a conservação e preservação do novo e do antigo acervo, o Museu procura utilizar todos os métodos e equipamentos disponíveis para a conservação deste. Existe a busca constante por aperfeiçoamento por parte desta instituição, através de cursos para os funcionários inclusive em outros estados e capitação de recursos para compra e manutenção de equipamentos para manter o microclima no local onde está guardada os materiais fotográficos.

As fotografias diagnosticadas para serem estabilizadas e evitar que o processo de degradação continue, deverão ser encaminhadas para o setor de higienização no qual sofrerão uma limpeza química e/ou mecânica conforme o caso. A limpeza mecânica serve para remover as sujidades da base quanto da emulsão fotográfica. Na imagem utiliza-se um pincel macio para não provocar abrasões e no verso o pó de borracha TK.

Quando necessário a limpeza química será utilizada para remover os resíduos existentes na imagem e no suporte com solventes orgânicos. Este trabalho de conservação é realizado num ambiente arejado, com os funcionários utilizando luvas e máscaras para se prevenir de intoxicação por produtos químicos e ao mesmo tempo evitar a manipulação das fotografias.

Outro tratamento que poderá ser realizado em algumas fotografias para estabilizar deverá ser o preenchimento das partes faltantes provocadas pelos rasgos, dobras e furos que deverão ser preenchidos com papel japonês e colados com a cola tipo metil celulose⁸. A cola também é utilizada para retirar resíduos de papel colado no verso da imagem.

Essas imagens após serem higienizadas e em parte restauradas deverão ser reproduzidas e ampliadas, essa política contribui para a preservação do material fotográfico original, uma vez que garantem aos pesquisadores o acesso as imagens de diversas épocas sem a necessidade de retirar os originais do seu ambiente de guarda climatizado.

Neste Museu, o laboratório fotográfico do setor de Imagem e Som, é o responsável pela preservação das imagens através da reprodução das mesmas por

⁸ A cola é um adesivo neutro, sua natureza é de celulose modificada, encontrado como pó branco que ao ser dissolvido forma um gel transparente.

um fotografo especializado no processo de produção (revelação, ampliação e lavagem) e na preservação da imagem, para que as mesmas não apresentem posteriores defeitos de processamento causando danos a emulsão fotográfica.

Os resíduos químicos resultantes do processamento fotográfico precário são grandes causadores da deterioração, provocando manchas amareladas nas imagens (FILLIPI, 2002, p. 39)

Depois de realizado todos os processos citados anteriormente, estas fotos deverão ser armazenadas no armários de aço deslizante e acondicionadas em pastas suspensas ou envelopes, de acordo com seu formato. Os papeis para a embalagem dependendo da necessidade deverão ser jaquetas de poliéster com suporte de papel filifold ou envelopes de salto neutro.

Muitos conservadores recomendam que o acondicionamento de certos processos seja feito somente com papeis de pH neutro ou sem reserva alcalina, ao invés dos papeis com reserva alcalina. A diferença entre estes dois tipos de papeis é que os materiais com reserva alcalina tem um componente , em geral carbonato de cálcio ou de magnésio, adicionado durante sua produção, para combater a degradação por acidez das fibras do papel. Os papeis neutros não tem este aditivo. Tipicamente, tem o pH aproximado de 7,0, ou quase neutro, enquanto os papeis alcalinos variam aproximadamente de 7,5 a 8,5, na escala de pH.(MUSTARDO; KENNEDY, 2001. p 13)

Depois de todos esses procedimentos estas dez fotografias estarão protegidas, conservadas e preservadas dentro das limitações desta instituição por muitos anos e permitindo que a memória e o patrimônio cultural regional possam ser consultado pelas gerações futuras.

O processo relatado acima ocorre todos os dias no Museu Histórico, mas não na velocidade desejada, uma vez que existem muitos acervos doados que ainda se encontram guardadas esperando a vez para passarem pelo processo acima descrito e estar preservado e suas cópias liberadas para que pesquisadores as utilizem como fonte de informação de uma época.

Muitos problemas enfrentados por outros equipamentos culturais responsáveis pela guarda da memória imagética são os mesmos encontrados no Museu Histórico, como falta de mão de obra especializada para o tamanho da demanda (os funcionários fazem cursos de aperfeiçoamento), falta de recursos financeiros para a compra de papeis e equipamentos para a conservação e preservação do acervo, apesar do empenho dos administradores de buscarem recursos através de leis de incentivo municipais, estaduais e federais, e

financiamento a fundo perdido, ou mesmo ajuda da sociedade civil como os recursos arrecadados pela Associação Amigos do Museu – ASAM.

5. Considerações Finais

Durante esta pesquisa conhecemos o funcionamento de um equipamento de memória localizado no município de Londrina, cuja principal preocupação é com a guarda e a preservação da memória imagética e o patrimônio cultural da região norte do Paraná.

Como outras instituições do gênero possuem problemas semelhantes como a falta de recursos financeiros para manter o seu acervo de fotografias conservado e preservado, e que a administração busca arduamente, através de projetos, angariá-los, prédios inadequados, uma vez que em sua maioria são adaptados e transformados em museus e bibliotecas.

Muitos dos problemas enfrentados no Museu Histórico Pe. Carlos Weiss para a conservação dos acervos fotográficos são oriundos da localização da instituição no centro da cidade, e do prédio que foi adaptado abrigá-lo. Propomos como solução a construção de outro edifício longe do intenso tráfego de ônibus e caminhões, com instalação de equipamentos de controle de umidade, temperatura, qualidade do ar e luminosidade.

Ao pesquisar sobre o processo de conservação e preservação de material fotográfico, e compará-lo com o método utilizado no Museu percebemos que o trabalho não está sendo realizado conforme a literatura da área dita, mas que dentro do possível há vontade política para enfrentar os problemas e realizar os processos necessários para a conservação e preservação do patrimônio cultural de maneira adequada, apesar da falta de um prédio adequado, da falta de recursos financeiros e quantidade de mão de obra especializada necessária.

A maior parte do acervo fotográfico é adquirida pelo Museu através de doações. Dessa forma, constatou-se pela análise feita que nem sempre as fotografias que chegam ao Museu com uma boa conservação. A maioria dos danos encontrados nas fotografias são provocados pela falta de conhecimento de como conservar o material fotográfico. O trabalho da equipe do Museu é exatamente de fazer com que as fotografias recebidas em doação possam ser conservadas de

maneira ideal ou na impossibilidade disso que os problemas possam ser estabilizados evitando maiores danos físicos as imagens.

As fotografias analisadas datadas do ano de 1900 a 1975, em sua maioria apresentam desgastes das imagens provocadas pela falta de lavagem pós fixação que causam o amarelecimento das imagens e dobras causadas pelo acondicionamento e manuseio inadequados em seu local de origem. Marcas de caneta e perda de emulsão que causaram sérios prejuízos a imagem, manchas por umidade provocadas pelo local de guarda inapropriado. Outros danos encontrados foram: resíduos e fitas adesivas.

Diante dos problemas levantados através da análise por amostragem das coleções fotográficas do Museu, constatou-se que os objetivos propostos nesta pesquisa foram alcançados, através dos resultados obtidos verificou-se a importância da conservação e preservação do acervo fotográfico.

Referência

ADAMS, Ansel. **A Câmera**. São Paulo: SENAC, 2000.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e historia da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAMARGO, Ana Maria; BELOTTO, Heloisa Liberalli. **Dicionário de Terminologia arquivística**. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros/Porto Calendário, 1996.

COSTA, Marilene Fragas. **Noções básicas de conservação preventiva de documentos**. Centro de Informação Científica e Tecnológica Biblioteca de Manguinhos Laboratório de Conservação Preventiva de Documentos, 2003.

HOBSBAWM, Eric. **A era do Capital: 1848-1875**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FILIPPI, Patricia de; LIMA, Solange Ferraz; CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Como tratar coleções de fotografias**. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

KUBRUSLY, Claudio A . **O que é fotografia**. São Paulo: Brasiliense, 1991

LE GOFF, Jacques. Patrimônio Histórico, cidadania e identidade cultural: o direito à memória. In: BITTENCOURT, C. (Org.) **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997, p. 137-140.

MAUAD, Ana Maria. *Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces*. **Tempo**, v1, n. 2, UFF, Rio de Janeiro: 1996. Disponível em: <<http://verdadeirahistoria.blogspot.com/2009/12/fotografia-como-fonte-historica-analise.html>>.

MONTEIRO, Rosana Horio. **Descobertas múltiplas a fotografia no Brasil: 1824-1833**. Campinas: Mercado das Letras, São Paulo: FAPESP, 2011.

MOSCIARO, Claro. Diagnostico de conservação em coleções fotográficas. **Caderno Técnico**, n. 6: FUNARTE, 2009.

MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA PADRE CARLOS WEISS. **Catálogo do Museu Histórico de Londrina**. Jul. 2010. MIDIOGRAF, p.30.

MUSTARDO, Peter; KENEDY, Nora. **Preservação de Fotografias: Métodos básicos para salvaguardar suas coleções**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001.

PERSICHETTI, Simonetta. **Imagens da fotografia Brasileira**. São Paulo: Estação da Liberdade: SENAC, 2000.

SCHWARCZ, Liliam Moritz. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOARES, Carolina Coelho. **Fragmentos da história de uma memória**. São Paulo, 2006. [*Coleção Pirelli-Masp*]

SONTAG, SUSAN. **Sobre Fotografia**. São Paulo; Companhia das Letras, 2004.

ANEXOS

1. FICHA DE DIAGNÓSTICO DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS

FICHA DE DIAGNÓSTICO DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS			
Nº do registro:		Coleção:	
Autor:			
Processo Fotográfico:			
Descrição das características de deterioração observadas na imagem e/ou no suporte			
Objetos <input type="checkbox"/> Fita adesiva <input type="checkbox"/> Grampo <input type="checkbox"/> Clipes <input type="checkbox"/> Outros:	Sujidades/marcas <input type="checkbox"/> Lápis/Caneta <input type="checkbox"/> Pó/Poeira <input type="checkbox"/> Danos / insetos <input type="checkbox"/> Fungos <input type="checkbox"/> Carimbos <input type="checkbox"/> outros	Desgaste na imagem <input type="checkbox"/> delaminação <input type="checkbox"/> manchada <input type="checkbox"/> amarelecimento <input type="checkbox"/> esmaecimento <input type="checkbox"/> espelhamento <input type="checkbox"/> outros	Danos físicos <input type="checkbox"/> abrasões <input type="checkbox"/> rasgos <input type="checkbox"/> fraturas/vincos/dobras <input type="checkbox"/> excremento de insetos <input type="checkbox"/> perfuração <input type="checkbox"/> perda de suporte/ emulsão <input type="checkbox"/> outros
Obs.			
Data da análise:			

2. INSTRUMENTOS PARA LIMPEZA (utilizados no setor de conservação)

Pincéis de uma e meia polegada de pêlo de Marta ou de esquilo para limpar a emulsão;

Pincel duas polegadas de pelo de Marta ou de esquilo para limpar o suporte;

Pincel para limpar a mesa (bigode);

Algodão;

Palitos;

Espátula de osso;

Entretela Tipo Monil;

Mata borrão; pesos de pedaços de granito;

Beker ou vidros de conservas;

Acetona PA da Vetec;

Álcool etílico absoluto;

Carboximetilcelulose (cola);

Instrumentos odontológicos tipo pinça e espátulas;

Estilete;
Lupa de pala e microscópio
Cartolinas de cor branca

3. FOTOGRAFIAS DIAGNOSTICADAS

Coleção: Família Farias de Castro



Foto 01



Foto 02

Coleção Família Rufino de Souza

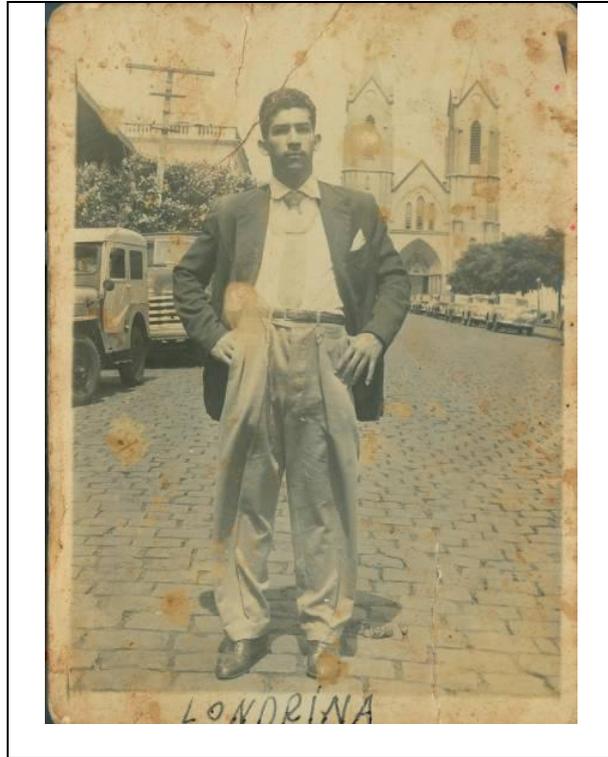


Foto 03

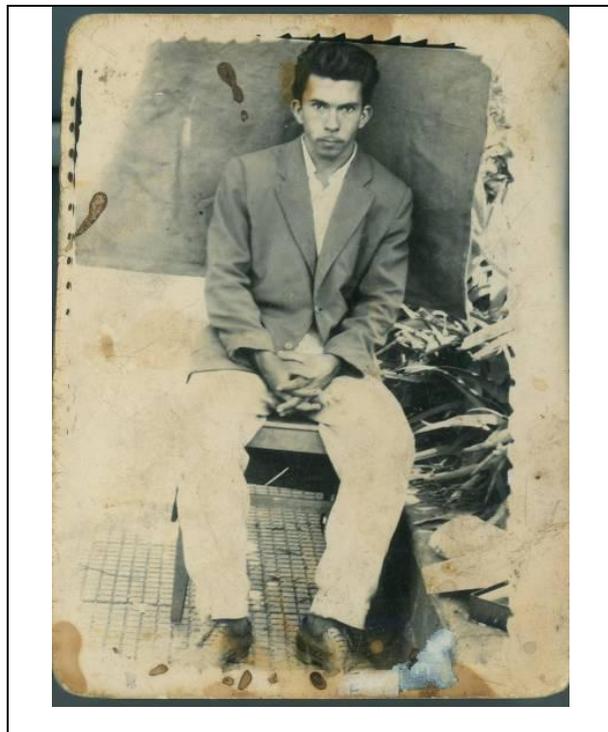


Foto 04

Coleção Família Davids

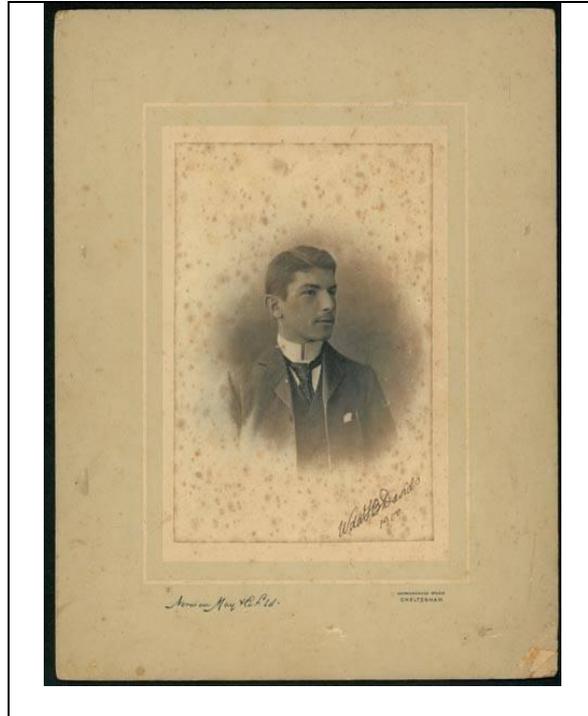


Foto 05

Coleção Família Bambi



Foto 06

Coleção Família Surjus



Foto 07

Coleção Geral



Foto 08

Coleção Família Páglia



Foto 09

Coleção Geral



Foto 10